

## Sarney mostra o país que herdou

O Presidente José Sarney inaugura hoje o saudável e democrático hábito de conceder, periodicamente, entrevistas coletivas à imprensa. O Presidente Tancredo Neves prometera fazer o mesmo e, dois dias após ser escolhido no Colégio Eleitoral, reuniu os jornalistas no Congresso e respondeu a tudo que lhe foi perguntado. A formalidade foi repetida às vésperas da posse que não houve, quando o Presidente anunciou o nome dos que integrariam seu ministério. Os Presidentes do ciclo militar de 64 aboliram os encontros com a imprensa ou os trataram a seu modo pouco afeito a fornecer explicações.

O Marechal Castelo Branco recebia jornalistas em pequenos grupos para conversas informais, que permitia, depois, que fossem publicadas sem as características de uma entrevista. O Marechal Costa e Silva fez o mesmo algumas poucas vezes. A edição do Ato Institucional nº 5 e a censura férrea que amordaçou os meios de comunicação afastaram, de vez, o Marechal dos jornalistas. O General Garrastazu Médici manteve a imprensa à distância e, no ano passado, quando admitiu a aproximação de alguns repórteres, não gostou dos resultados que colheu. O General Geisel concedeu uma única entrevista — a bordo de um trem-bala, no Japão.

A distensão política e o temperamento do General João Figueiredo o empurraram para contatos mais amáveis com os jornalistas. Antes de assumir a Presidência, ele concedeu algumas entrevistas coletivas ou individuais durante as quais produziu algumas das melhores pérolas do seu pensamento — “prendo e arrevento”, “gosto de cheiro de cavalo”, “gaúcho é gigolô de vaca”. Nos seis anos no Governo, não convocou um encontro formal, sequer, com jornalistas. Preferiu insistir no corpo-a-corpo dos contatos acidentados, à saída de solenidades ou em viagens ao exterior.

O ato marcado para o final da manhã de hoje permitirá que o Presidente José Sarney responda, de forma direta ou não, às críticas que começam a ser formuladas ao seu Governo e que avance no esclarecimento de algumas questões que o preocupam particularmente. O Presidente está disposto a aproveitar a ocasião para “tentar por a nu”, como explicou um dos seus auxiliares, “o estado de penúria moral, econômica e financeira” que herdou e que tenta, a duras penas, administrar. Poderá não fazer uma radiografia completa da situação do país — até porque a herança é tão trágica que ele ainda não a conhece em toda sua inteireza. Mas o quadro que imagina traçar será o mais próximo possível da realidade.

Deseja o Presidente expor seu pensamento sobre a reforma agrária. Na intimidade, o Sr Sarney já reconheceu que foi um desastre o modo como foi anunciado o programa de reforma agrária proposto pelo Ministro Nelson Ribeiro. Pensam alguns auxiliares que cercam o Presidente que o Governo está perdendo a batalha da retórica em torno do assunto. O Sr Sarney enfatizará a necessidade de se cumprir o Estatuto da Terra, lei em vigor desde o Governo do Marechal Castelo Branco, e que jamais foi respeitada. Mas não se comprometerá com o programa do seu ministro. Como tal, o programa está sujeito à discussão e a revisões.

A política externa do Brasil é outro ponto que o Presidente espera que seja abordado durante o encontro com os jornalistas. Se for, o Sr Sarney se ocupará em sublinhar, especialmente, a Aliança Latina que ele julga indispensável ser fortalecida como um dos meios para que o continente possa enfrentar, melhor, suas dificuldades. A aliança pode servir, também, para a renegociação da dívida mas o Presidente, moderado, não irá ao ponto de admitir a formação de um bloco de países devedores para se opor aos países ricos. A questão pode dar ensejo a que o Sr Sarney aborde um dos temas que lhe são mais caros ultimamente — a proposta de um pacto nacional.

Acha o Presidente que a idéia do pacto não foi, até aqui, bem compreendida por ninguém e ele está decidido a insistir com ela. O Sr Sarney está consciente de que será obrigado a adotar medidas duras no plano econômico e aspira, para poder executá-las, a conivência das principais forças políticas do País. Crê o Presidente que se a economia começar a andar bem e a produzir bons resultados, tudo o mais se ajeitará. No plano institucional, pensa o Sr Sarney que não haverá muito o que fazer neste e no próximo ano até a eleição da Constituinte. No plano eminentemente político, o Presidente se empenhará em manter de pé a Aliança Democrática.

No sábado, em visita a Petrolina, o Presidente aconselhou o Governador Roberto Magalhães a se compor com o PMDB para a eleição do Prefeito de Recife. O Sr Sarney irá a São Paulo, a pretexto da entrega do prêmio Intelectual do Ano” ao Senador Fernando Henrique Cardoso, especialmente para reforçar-lhe as chances na disputa com o Sr Jânio Quadros. O esforço para evitar a deterioração da Aliança Democrática pode explicar a manutenção, por enquanto, do atual ministério.

O Presidente, de toda forma, atravessa um momento em que não admite, sequer, conversas sobre a reforma do ministério — mas não pensa em outra coisa.